

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 020 06/06/2005 - Fone: 340
3066

Cotação de Preços (06/06/05)	Recortes
<p>Grãos (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão - R\$ 80,00 a 95,00 Fonte: COARP</p> <p>Milho - R\$ 15,00</p> <p>Soja - R\$ 28,15 Fonte: COOPA-DF</p> <p>Hortaliças (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 5,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 15,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,70 / maço</p> <p>Couve Flor - R\$ 15,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 6,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - xxxxx / caixa (04 cumbucas)</p> <p>Pimentão - R\$ 7,00 (C) a 8,00 (E) / cx 12 kg</p> <p>Repolho - R\$ 5,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 20,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Fruticultura (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 28,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 1,20/ kg</p> <p>Limão - R\$ 11,00 / cx 20 kg Fonte: CEASA-DF</p> <p>Pecuária</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba - R\$ 50,00 NR e R\$ 52,00 R Fonte: FRIGOALFA</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelore) - R\$ 300,00 a 350,00 Fonte: Zoonews\ Ezio - Padre Bernardo</p> <p>Leite</p> <p>litro - R\$ 0,65 Fonte: Araguaia</p> <p>Suíno - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,10 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Aves - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,35 Fonte: Asa ALIMENTOS</p> <p>Carneiro</p> <p>Kg - R\$ 3,00 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$5,80</p>	<p>OMC sobre o frango deve ampliar vendas a europeus</p> <p>A expectativa do setor exportador de frango é que a implementação da decisão da OMC aumente a participação brasileira no mercado europeu. Nos quatro primeiros meses deste ano contra o mesmo período de 2004, a exportação de cortes de frango para a Europa foi a que registrou a menor taxa de crescimento. Entre janeiro e fevereiro deste ano, as vendas para a União Européia cresceram 7,54% e atingiram 85,5 mil toneladas. Para a Ásia, houve expansão de 32,93%. Esse ritmo de crescimento mais lento na UE é causado, principalmente, pelas tarifas elevadas. "A indústria europeia usava muito o frango brasileiro. Depois da elevação da taxa, ela teve dificuldade em manter aqueles níveis de exportação. Se a UE adotar essa decisão, deverá haver grande aumento das exportações de corte de frango", disse Marcos Jank, presidente do Icone. O especialista disse, porém, que ainda é cedo para fazer as projeções de ganhos desse mercado. A UE ainda pode recorrer da decisão anunciada ontem. Fonte: Agrolink</p> <p>Governo Libera R\$ 2 Bi Para Acabar Agricultores</p> <p>O Conselho Deliberativo do FAT (Codefat) deve avaliar amanhã a liberação de R\$ 1 bilhão para o refinanciamento das dívidas do setor rural. Ontem, saíram R\$ 250 milhões e até sexta-feira deverão ser liberados mais R\$ 750 milhões para a comercialização da safra. "São medidas apenas paliativas, que não resolvem o problema", diz o presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Antônio Ernesto de Salvo. Para ele, as perdas superam R\$ 15 bilhões. Apenas em Mato Grosso, os prejuízos chegam a R\$ 3 bilhões.</p> <p>Os recursos do FAT só poderão ser usados pelos produtores dos municípios atingidos pela seca. Na proposta do governo, o custo de 9,75% ao ano do empréstimo será repartido entre produtores e fornecedores, com pagamento em até dois anos. "Damos seqüência ao esforço de minimizar os prejuízos dos produtores", diz Ivan Wedekin, secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Ontem, a maioria das rodovias do Centro-Oeste foi tomada por máquinas agrícolas. Em muitas cidades, o comércio fechou. Fonte: Gazeta Mercantil -</p>

A importância do capital de giro no agronegócio

Por Evaristo Machado Netto – Agência AgroEstado

Sempre que uma catástrofe natural se abate sobre a agricultura, os produtores rurais brasileiros enfrentam a mesma situação desesperadora: falta dinheiro para pagar os financiamentos e empréstimos contraídos para o plantio. A mesma situação se repete quando o preço de alguma commodity sofre alteração no mercado internacional. Os dois exemplos recentes, e graves, se abateram nos últimos meses sobre a agricultura brasileira - a seca prejudicou principalmente a produção no Sul do país e o preço da soja caiu em nível global. Como consequência, os agricultores vão amargar prejuízos consideráveis em 2005.

O Brasil é uma potência agropecuária: é o terceiro maior exportador agrícola mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Européia. Desponta como o primeiro produtor e exportador de café, suco de laranja e açúcar. É o segundo maior na produção de soja, e tem a liderança na exportação desse grão. Também está na segunda colocação no ranking mundial em produção e exportação de farelo e óleo de soja.

Para manter este ranking e crescer com as oportunidades que surgem pela demanda mundial por alimentos, o governo deve mudar a forma de encarar a agricultura. Para evitar ou minimizar perdas futuras, existem dois caminhos possíveis. O primeiro passa pelo governo. São ações básicas: investir em políticas claras e de longo prazo para o setor, ofertar um seguro rural que garanta a renda do produtor e criar mecanismos para equilibrar o mercado, usando um estoque regulador de produtos quando for necessário. No caso do seguro de renda, a medida está ao alcance do governo. Basta implementar.

Não se tratam de subvenções, proteção ou ajuda, mas de criar condições que garantam a estabilidade deste mercado influenciado a cada safra por variáveis incontrolláveis, como o tempo.

Com o governo dando a base, podemos começar a trilhar o segundo caminho, ou seja, a formação de capital de giro nas propriedades. Hoje, o agricultor consegue apenas sobreviver e vive o momento. Comemora safras recordes e não faz reservas porque quase sempre é arrojado e reinveste o que ganha. Aliás, esta é uma condição essencial para se manter no mercado, mas acaba se refletindo em outra realidade: com a implantação de técnicas e equipamentos modernos, a produção tende a aumentar e os preços caem.

O produtor não tem saída: se parar de investir, sai do mercado; se modernizar a produção, vê os preços caírem. A lógica é cruel e, neste ciclo, dificilmente sobra algum recurso para criar fundos de reservas.

O capital de giro, comum nas empresas, é peça chave para a estabilidade da agricultura e da própria economia. Quando o agricultor perde uma safra, toda a cadeia ao seu redor se desestabiliza, com reflexos quase sempre geradores de problemas mais sérios, como o aumento do êxodo rural. Outra consequência direta é o reflexo no comércio dos municípios de economia agrícola. A queda brusca de renda pode inviabilizar a administração das pequenas cidades. Sem dinheiro, o agricultor não compra, o comerciante não vende e os pequenos municípios ficam ainda mais pequenos.

É justo que o produtor rural precise poupar, mas hoje ele não consegue. Sem seguro de renda, políticas de longo prazo, medidas de emergência para controlar o estoque de preços e regular o mercado, a situação não vai melhorar. A mudança é cultural e precisa acontecer para que o agronegócio continue apresentando os bons resultados dos últimos anos.

